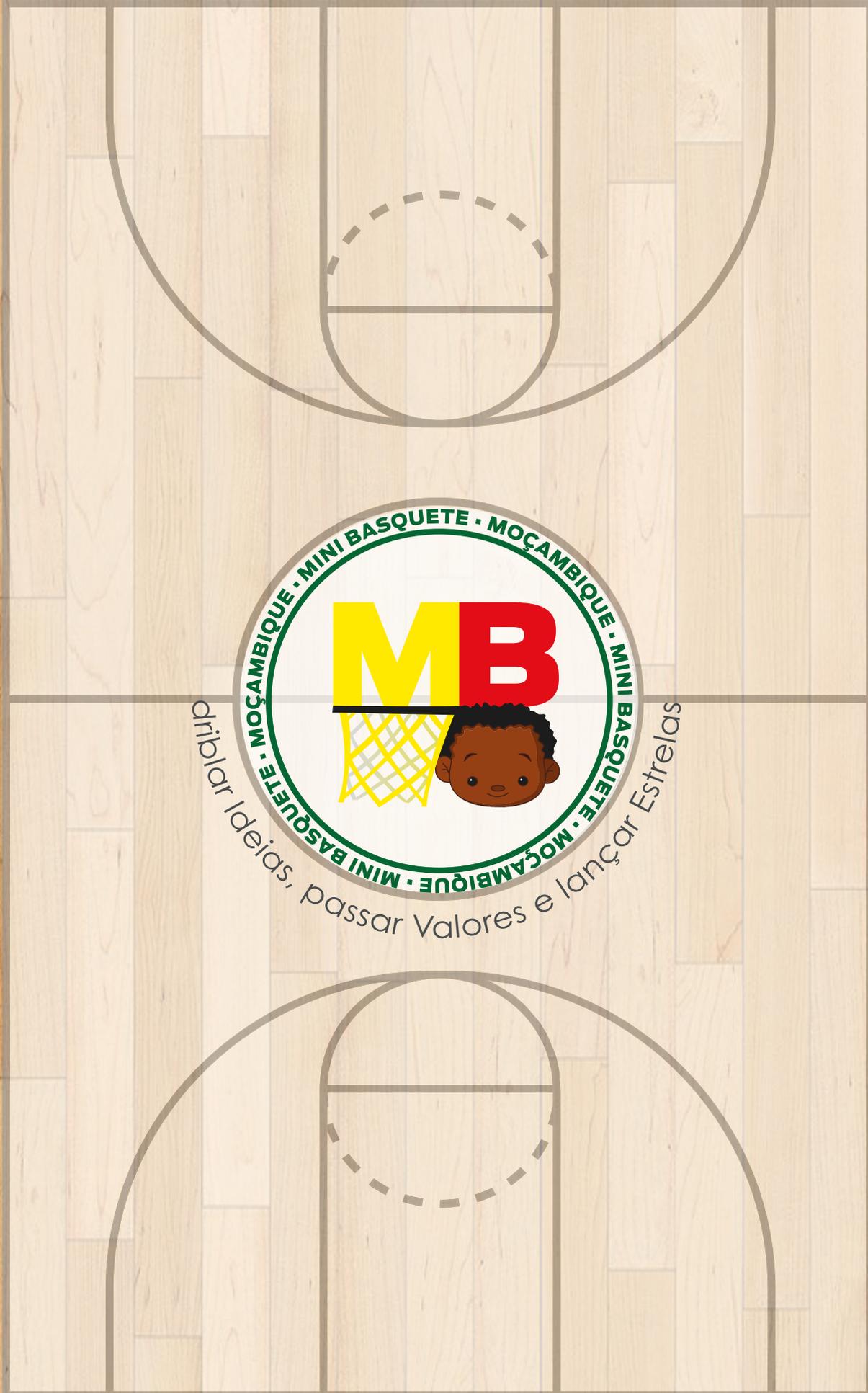


A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

ÍNDICE

~~1.~~ **1. O Lançamento:**
Quem Lidera O Mundo?

~~2.~~ **2. Drible de Progressão:**
Sou Uma Vencedora

3. Passe de Peito : ~~3.~~
Avançando...

~~4.~~ **4. Ressonância:**
O Trabalho Recompensa

5. Bloqueio: ~~5.~~
O Caminho é Feito Por Nós!

~~6.~~ **6. Triplo Duplo:**
Igualdade Entre Homens e Mulheres
Princípio Basilar da Nossa Nação

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

1. O Lançamento: Quem Lidera O Mundo?

"Mas o destino é um conjunto de obrigações e chegou a esta mulher a obrigação de buscar água, de apanhar lenha, de acarinhar plantas pequenas e decepar cruelmente as grandes sempre que conseguisse vê-las vingadas; enfim, de assoprar fogueiras, com isso assoprando também o futuro para longe."

In, João Paulo Borges Coelho

Maara, a personagem principal do romance do qual retirei a passagem acima, é uma mulher forte, dona de si, determinada, sincera e lutadora. Mãe solteira, cuida de si, da filha, e da sua mãe...e de todos os outros que cruzam o seu caminho e necessitam de algum auxílio. Maara é uma líder na sua comunidade. É uma fonte de inspiração para as outras mulheres.

A nota introdutória é de um romance, onde o autor tem toda a liberdade para sonhar e/ou retratar factos reais, mas é um facto bem real e que já não pode ser tratado como um tema secundário que há um crescente aumento de mulheres em cargos de gestão. E, de um modo geral, assumem-nos com qualidade e responsabilidade.

Os motivos para esta ascensão podem ser vários, mas optaria por apontar um e que acho que é o mais importante: simplesmente, perceberam que devem ocupar o seu lugar na Sociedade.

Ora, elas agora são mais de metade da população e é normal que apareçam algumas em posições de liderança, dirão alguns descrentes e incomodados.

Negativo. Estão a ser quebrados os tradicionais estereótipos das funções de género e as mulheres estão a provar que podem ter oportunidades iguais ou melhores que às dos homens. Já faltou mais tempo para deixarmos de rotular àquelas que ficam em casa a cuidar dos seus filhos de domésticas. Será uma mulher que tomou uma decisão voluntária de cuidar da família.

Para celebrarmos o Mês da Mulher Moçambicana convidamos 4 jovens raparigas, amanhã mulheres, para partilharem as suas experiências, os seus Valores, os seus objectivos de vida, e os seus sonhos como moçambicanas e cidadãs do mundo.

De mente, coração, alma e corpo fortes, estas jovens líderes não querem ser mais fortes que os homens – querem direitos iguais, respeito e justiça para poderem exercer melhor o seu papel transformador.

A mensagem que nos trazem é de que não vão procrastinar pelo momento de mudança. Já sabem, com muita antecedência, que caminhos pretendem seguir, como, e o que querem fazer. Quaisquer que sejam as adversidades, querem singrar. E têm a escola, o basquete, o trabalho e a perseverança como passaporte para a sua independência, afirmação social e oportunidade de serem inspiração para outras raparigas moçambicanas (e do Mundo).

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

1. O Lançamento: Quem Lidera O Mundo?

Com ou sem ajuda devem ser capazes de pensar por si e dizer: Eu posso.
Eu consigo.

Sabem que o caminho que as espera não é fácil, mas é de suma importância que cumpram o trajecto definido com distinção. Urge que as mulheres tenham uma maior participação nas transformações sociais. Quando esse tempo chegar não teremos necessidade de dar (tanta) ênfase ao discurso de igualdade de género. Colocaremos de lado as hierarquias de género. Será desnecessário fazer estatísticas de quantas mulheres no mundo são presidentes, quantas estão no parlamento, ou quantas não terminaram a escolaridade obrigatória.

Seremos todos contabilizados como líderes. Cada um na sua função e sempre com a necessidade de juntarmos forças, homens e mulheres, para construir uma Sociedade sem desigualdades e um Mundo melhorado.

Edison Saranga, Abril de 2017

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

2. Drible de Progressão : Sou Uma Vencedora

CARLA BUDANE

Data de Nascimento | 30.11.2000

Escola | Secundária de Vergílio Ferreira, Lisboa, Portugal

Clube | Sport Algés e Dafundo

Distinções

1º Lugar | Jogos da CPLP | Cabo Verde | 2016

5 Ideal | Campeonato de Lisboa Sub-19 | 2016

1º Lugar | Basket Show | 2015

MVP | Torneio Inter-Escolar Basket Show | 2015



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

2. Drible de Progressão : Sou Uma Vencedora

Por Carla Budane

O meu nome é Carla Budane, mas os mais próximos tratam-me por Budane. Tenho 16 anos e desde 2016 vivo em Lisboa, Portugal. Jogo basquete há 5 anos e o meu primeiro clube foi a Liga Desportiva de Maputo.

A minha irmã, Valerdina Manhonga, que também joga basquete foi quem me incentivou. No princípio não queria, mas com o tempo fui gostando do basquete.

Em Novembro do ano passado ganhei uma bolsa para vir para Portugal. É cá onde estudo e continuo a jogar, sempre com o objectivo de melhorar a cada dia e ter novas experiências.

Sou atleta do Sport Algés e Dafundo, e estou no Curso Profissional de Gestão e Informática.

No princípio foi difícil a adaptação ao ensino Português - matérias diferentes, novos colegas, novos professores, entre outros aspectos; mas com o tempo integrei-me a esta nova realidade.

Ganhar a bolsa de estudos para Portugal representou uma excelente oportunidade, mas não pretendo parar por aqui. Quero evoluir muito mais que a média para, quem sabe, um dia ganhar outra bolsa de estudos e rumar para outro destino.

Pretendo terminar o meu curso e depois fazer a faculdade, para no futuro ter mais hipóteses de conseguir um bom trabalho.

Todos os dias aprendo novas coisas, seja na escola ou no basquete. O basquetebol de Portugal é mais evoluído em relação ao de Moçambique. Há melhores condições de trabalho, há mais competitividade e, para mim, ajuda-me a melhorar a cada dia com a ajuda dos meus treinadores, colegas e dirigentes.

Este ano, fui vice-campeã de Lisboa e também fiz parte das 5 melhores jogadoras do campeonato distrital de sub-19.

As pessoas em Portugal são simpáticas e tenho a sorte de estar com boas pessoas como o meu tutor, os treinadores, colegas da escola e de treino, entre outras pessoas que tive a oportunidade de conhecer. Tenho a sorte de ter bons professores e colegas da escola e de treino que me apoiam diariamente.

O basquetebol abriu-me as portas para vários lugares. Foi com o basquete que conheci vários países, incluindo Portugal, mas para tal temos que estudar como sempre dizem a minha Irmã e a minha Mãe.

Nos últimos anos, as mulheres moçambicanas têm se destacado muito, mas precisamos de mais espaço na Sociedade e de nos apoiarmos mais para lutarmos pelos nossos direitos. Queremos mais respeito, mais compreensão e liberdade para fazermos valer o nosso papel transformador no Mundo.

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

2. Drible de Progressão : Sou Uma Vencedora

Já somos mais activas, temos mais liberdade de expressão e isso é bom para o País.

Tenho muito orgulho em ser Moçambicana e representar o nosso País cá em Portugal, e também da pessoa que me tornei hoje. Sei que muitas raparigas do meu País procuram uma oportunidade igual, e se eu me aplicar as mesmas portas ou outras podem se abrir para elas.

Sei que tenho essa responsabilidade e faço o meu melhor para não falhar.



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

3. Passe de Peito: Avançando...

NOÉMIA MASSINGUE

Data de Nascimento | 10.03.2001

Escola | The Masters School, Nova Iorque, EUA

Distinções

Torneio Fieldstone | Nova Iorque, EUA | 2016

1º Lugar | Jogos da CPLP | Cabo Verde | 2016

1º Lugar | Jr. NBA Moçambique | 2015

MVP Jr. NBA Moçambique 2015

Prémio Revelação | Basket Show | 2014

5 Ideal | NBA Developmental Camp | Maputo, Moçambique | 2014



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

3. Passe de Peito: Avançando...

Por Noémia Massingue

O meu nome é Noémia Alexandre Massingue e tenho 16 anos de idade. Comecei a jogar basquete com 9 anos, e ainda me recordo do meu primeiro jogo de minibasquete, em 2010. Foi marcante porque terminou 00:00; fazia da parte das "Zebrinhas" e eu era uma das miúdas mais baixinhas da equipa.

Em 2016 ganhei uma bolsa de estudos para estudar e jogar basquete nos Estados Unidos da América.

Jogar basquetebol sempre foi importante para mim desde muito cedo. Sempre sonhei com a possibilidade de estudar nos EUA, sabia que o basquete era uma das formas de conseguir realizar esse sonho e nunca parei de trabalhar.

Estudar e jogar basquete nos EUA é totalmente diferente de fazer o mesmo em Moçambique. Aqui as coisas são difíceis. A primeira barreira que tive que enfrentar foi a linguagem. A mudança de língua teve um impacto enorme logo após a minha chegada porque para falar com alguém tinha que utilizar o tradutor do google; e no basquete a maior mudança foi não ver as caras das minhas colegas que sempre jogaram comigo. Tinha que lidar com a nova língua e as novas pessoas. A comida também foi um grande problema, e ficava triste só de pensar que iria ficar muitos meses sem comer aquela kakana* que só a mamã sabe fazer. Aqui só comemos alimentos oleosos, e é cansativo.

Os americanos são as pessoas mais bondosas que já conheci. Tratam-me como um membro da família. Quando cheguei aos EUA não conhecia ninguém, e a minha família de acolhimento também não me conhecia, mas trataram-me como uma pessoa que viram crescer e que conheciam há muito tempo. Foi uma das razões que me fez sentir como se estivesse em casa.

A comunidade escolar é deslumbrante, os professores são muito atenciosos e fazem o melhor deles para que todos estejamos em sintonia.

Em Moçambique, os meus professores não tinham esse cuidado. Se não entendesse algo ouvia respostas destas: "vai arranjar um explicador e quem sabe fazer melhor e dá menos trabalho" – como já me disse um dos meus professores. E os alunos também não se importavam; quanto menos aulas tivéssemos melhor era e "rezávamos" para o professor não aparecer. Aqui aprendi a gostar de estudar e de me importar com as pequenas coisas que acontecem na sala de aulas; participar e não ter vergonha de errar porque os colegas vão gozar comigo, mas sim porque estou a aprender e é para isso que vamos à escola.

Quando for mais crescida, quero ser advogada porque gosto de ajudar as pessoas e não gosto de ver sofrimento. Vou usar a minha profissão para ter a certeza de que pessoas não vão presas injustamente, mas antes disso vou realizar o sonho de jogar na WNBA, como a Clarisse Machanguana.

Jogar nesta Liga vai significar muito para mim, não porque posso ficar famosa, mas sim para mostrar ao Mundo o meu talento para que as pessoas possam dar mais oportunidade aos Moçambicanos.

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

3. Passe de Peito: Avançando...

Das experiências que já tive, acho que Moçambique, e África no geral, tem muito que evoluir quando o tema é igualdade entre homens e mulheres. Em algumas regiões do nosso país as mulheres ainda são tratadas como objectos, e ainda existe muita a mentalidade de que só servem para o trabalho caseiro como cozinhar, tratar dos filhos, e ficar em casa à espera do marido que muita vezes está na rua a divertir-se.

As mulheres devem ter um tratamento idêntico ao que se dá aos homens – devem ter espaço para fazer desportos, e terem a liberdade de escolher o seu futuro, profissional e conjugal.

O meu ponto é: as mulheres não podem deixar de seguir os seus sonhos, de estudar, porque devem ficar em casa, obrigatoriamente, nas actividades domésticas; mas sim devem lutar para alcançar os próprios objectivos e terem sucesso.

Tenho convivido com pessoas que dizem que as mulheres em África não podem se divorciar, são dependentes, e não podem ter o seu próprio emprego porque devem cuidar da casa.

Se as mulheres querem mudança, devem parar com esse tipo de pensamento e lutar pelos seus direitos.

Muitas miúdas param de estudar porque ficam grávidas, são rejeitadas pelos seus pais e acabam por ser donas de casa muito cedo, e depois vão aumentando o número de filhos.

Nós, como mulheres, devemos aprender a valorizar-nos primeiro para que os outros nos respeitem.

PEQUENO GLOSSÁRIO

**planta trepadeira cujas folhas e frutos são comestíveis.*

Também tem qualidades medicinais. Quando fervida, a sua água serve para a limpeza do sangue e dos rins.



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

4. Ressonância: O Trabalho Recompensa

CHANAYA PINTO

Data de Nascimento | 26.06.2000

Escola | Secundária de Carcavelos, Cascais, Portugal

Clube | Centro Recreativo e Cultural da Quinta dos Lombos

Distinções

Basketball Without Borders Global Camp | New Orleans, USA | 2017
1o Lugar | Campeonato Distrital de Lisboa Sub-16 | 2016
MVP | Campeonato Distrital de Lisboa Sub-16 | 2016
MVP & 5 Ideal | Campeonato Nacional de Sub-16 | Portugal | 2016
MVP | Basketball Without Borders Africa | Angola | 2016
1º Lugar | Jogos da CPLP | Cabo Verde | 2016
5 Ideal | Afrobasket U16 | Madagascar | 2015
MVP | NBA Developmental Camp, Maputo | 2014
1o Lugar | Basket Show | 2014
MVP | Basket Show | 2014



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

4. **Ressalto:** **O Trabalho Recompensa**

Por Chanaya Pinto

Sou a Chanaya Pinto, tenho 16 anos de idade e sou apaixonada pelo basquetebol.

Comecei a jogar com 11 anos de idade na Escola Primária Completa 7 de Setembro. Inicialmente, confesso que não gostei muito de estar a treinar com rapazes e raparigas porque havia colegas melhores do que eu e isso afectava-me imenso.

O coach Danúbio treinava as duas equipas e sempre acreditou que eu podia ir mais além e ser uma grande jogadora; sempre puxou por mim e sempre me apoiou na minha carreira basquetebolística.

Em 2011 não fui convocada para a fase da cidade do Campeonato Escolar. Fiquei desmoralizada e pensei em desistir. Durante muito tempo pensei que era um fracasso e que não valia a pena estar ali.

O meu treinador deu-me muita força e explicou-me que na vida para alcançarmos os nossos objectivos precisamos passar por situações pouco agradáveis, e que a solução é trabalhar mais para atingirmos o sucesso.

Em 2012, porque não baixei os braços e continuei a trabalhar, fui seleccionada para a fase da cidade do Campeonato Escolar. Fomos campeãs e no mesmo ano o meu treinador levou-me para jogar para o Clube Desportos da Costa Do Sol. Foi aqui que percebi que o basquete não era só driblar a bola e atacar o cesto; o basquete era uma família com 12 ou mais elementos e cada um tinha a sua função para o mesmo objectivo, sempre com humildade e união.

Em 2013 mudei de clube e fui para o Clube Ferroviário de Maputo.

Comecei a ver o basquete como uma ocupação. Não vivia sem o basquete - não parava em casa, tinha uma bola de basquete que ia sempre lançar sozinha independentemente do meu traje (recordo-me que ia lançar de saia e chinelos...risos), mas não me importava porque estava a fazer o que mais gostava e o que me deixava feliz.

Em 2014, com 14 anos de idade, fui convocada para a Selecção Nacional sub-18. Infelizmente, não viajei com a equipa, mas continuei a trabalhar e a acreditar que podia chegar lá.

No mesmo ano fui campeã e MVP do Basket Show em representação da Escola Secundária Josina Machel. Fui convocada para a Selecção sub-19 e fiquei na lista das 12 atletas que seguiram para Bulawayo. Foi um grande orgulho representar o país numa equipa sub-19 e com apenas 14 anos de idade. Era uma prova de que o trabalho compensa.

No ano seguinte fui convocada para a Selecção sub-16 que foi disputar o Afrobasket em Madagáscar. Fui a capitã da selecção que perdeu nas meias-finais contra a Nigéria com um triplo a 15 segundos do fim do jogo. Foi uma derrota que nos deixou de rastos...estivemos a 15 segundos de ir a um mundial. Fiz parte do 5 ideal da competição, mas confesso que não fiquei muito feliz porque se fosse para escolher entre o mundial e o 5 ideal de certeza que escolheria o mundial.

Gosto de ganhar e sempre esforço-me e batalho para atingir os meus objectivos.

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

4. **Ressalto:** **O Trabalho Recompensa**

Depois do campeonato surgiu uma proposta para jogar e estudar em Portugal. É cá onde estou a fazer uma formação técnica em Turismo e a jogar pelo Clube Recreativo E Cultural Da Quinta Dos Lombos.

Já fui campeã e MVP do campeonato distrital sub-16. Fomos vice-campeãs nacionais do mesmo escalão, fui eleita a MVP e fiz parte do 5 ideal. Fiquei muito feliz em saber que era a melhor jogadora no escalão de sub-16 de Portugal.

No mesmo ano (2016) fui com a Selecção Nacional Sub-16 para os Jogos da CPLP. Fomos campeãs com 5 vitórias em 5 jogos. Foi o melhor campeonato da minha vida até agora, pois como já havia referido adoro ganhar e sabe tão bem ganhar a representar Moçambique.

Já tive a oportunidade de participar em 2 clinics internacionais da NBA – Basketball Without Borders Angola 2016 (fui a MVP do campo) e Basketball Without Borders Global New Orleans 2017. Foram duas experiências fantásticas e de que nunca me vou esquecer.

Agradeço a minha família, em primeiro lugar, por me apoiar sempre; aos meus treinadores (os antigos e recentes) de Moçambique e de Portugal por sempre me apoiarem e nunca desistirem de mim.

Não quero parar por aqui. Sinto que sou privilegiada e é um orgulho enorme representar 25 milhões de habitantes além-fronteiras.



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

5. Bloqueio: O Caminho é Feito Por Nós!

CLITAN SOUSA

Data de Nascimento | 15.03.1996

Escola | Seward County Community College □ Oklahoma State University

Distinções

NJCAA All Star | Florida, USA | 2016

3º Lugar | Afrobasket Sub-18 | Egipto | 2014

1º Lugar | Campeonato Nacional Juniores | 2012 & 2013



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

5. Bloqueio: O Caminho é Feito Por Nós!

Por Clitan Sousa

O meu nome é Clitan de Sousa, e jogo basquete desde os meus 11 anos. O meu avô levou-me para a Escola de Basquete da Universidade A Politécnica porque achava que eu brincava muito e devia gastar a energia com algo produtivo.

Actualmente estou a viver nos EUA, em Kansas, onde estudo e continuo a jogar.

Foi um enorme sacrifício para poder estar aqui, mas tem valido a pena. Há muita seriedade na escola e no desporto. O que achei mais impressionante quando cheguei foi o facto de o treinador ter organizado os nossos horários escolares conforme os nossos horários de treino e calendário de jogos.

Foi difícil adaptar-me ao sistema de treinamento. No meu colégio treinamos duas vezes ao dia e fazemos ginásio depois do segundo treino - consiste em fazer exercicios para fortalecer os músculos e também de prevenção contra lesões.

O facto de termos que conciliar escola, treinos e jogos nos torna mais agéis nas nossas actividades diárias. Os treinadores fazem questão de fazer grupos de estudo entre nós para ficarmos mais próximas e também partilharmos conhecimento e experiências.

Felizmente, no ano em que vim mais 2 colegas e amigas, hoje irmãs, fizeram o caminho comigo e somos o suporte umas das outras.

A maioria dos atletas vivem nos dormitórios escolares ou em famílias de acolhimento que estão sempre disponíveis a ajudar em termos de transporte para podermos ir à escola ou a qualquer outro lugar.

As pessoas da comunidade são muito atenciosas e carinhosas, principalmente com as Lady Saints - nome da equipa do colégio que frequento. Apoiam-nos muito e durante a época o ginásio fica lotado, principalmente nos jogos contra os colégios rivais.

Na minha opinião, o basquetebol aqui é muito diferente, desde o sistema organizacional do colégio até ao compromisso que os adeptos e encarregados têm com a equipa.

O meu primeiro objectivo é fazer a minha formação em Contabilidade, mesmo que esteja a ser um pouco complicado por causa da língua. Depois, quero alcançar um nível de basquetebol que nunca pude sequer pensar em alcançar, o mais alto que eu puder, mas que hoje sinto que tenho capacidades para atingir; e poder fazer o draft para a WNBA mesmo que pareça impossível para muitos.

Vivendo aqui e convivendo com pessoas de vários países, vejo que nós, Sociedade Moçambicana, ainda temos certos conceitos e preconceitos totalmente diferentes de outras culturas. Uns atrasados, outros mais evoluídos. Não estou a dizer que deste lado não exista desigualdade de género, mas as mulheres são mais livres de fazerem o que querem ou de tomarem decisões por elas mesmas, sem serem julgadas pela Sociedade.

Acredito que o objectivo das mulheres, tal como de qualquer outra pessoa,

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

5. Bloqueio: O Caminho é Feito Por Nós!

deve ser, numa primeira fase, de se orientar e ganhar a sua independência; posteriormente, ser bem sucedida (com ou sem um companheiro) para poder ajudar o próximo e as comunidades mais carentes.

Tive vários choques culturais, tais como a maneira que as pessoas se cumprimentam, (apertos de mão e/ou abraço, e estava habituada a dar 2 beijinhos), os hábitos alimentares e como os americanos agem de forma "fria" e sincera. A língua, como já tinha dito, também foi uma barreira difícil para me enquadrar na sala de aulas e nos treinos, mas o cuidado que os nossos treinadores tiveram connosco foi incrível.

Gostava que mais raparigas moçambicanas pudessem ter uma oportunidade igual. Sei que hoje já somos algumas a estudar e a jogar basquete fora do país, mas é preciso mais. Depois de concretizar uma parte dos meus sonhos, acredito que o sonho maior é possível. Só depende de mim.



A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

6. Triplo Duplo : Igualdade Entre Homens e Mulheres Princípio Basilar da Nossa Nação

Por Cri Essencia

A mulher do Moçambique independente já nasceu emancipada. O primeiro exemplo de mulher que temos; o delinear do que a mulher moçambicana deveria ser, foi o de uma guerrilheira. Tarefa que tradicionalmente não cabia às mulheres, nem pelas tradições moçambicanas (nas suas variadas influências) nem pela portuguesa. Tradicionalmente, a guerra estava reservada aos homens. Às mulheres cabia cuidar da casa, dos filhos e da machamba de subsistência. Portanto, o seu circuito era estritamente doméstico.

A simbologia que a Josina Machel traz é a de que a mulher não só tem o direito de sair para longe de casa, como também de lutar contra homens, caso a sua liberdade esteja em causa e Josina Machel fê-lo, demonstrando muita coragem. Se para Josina Machel, o inimigo era o colono, quem serão os inimigos da mulher moçambicana de hoje? Quem são os que atentam à sua liberdade e emancipação? Quem são os que ofuscam a sua expressão plena? Quais é que são os desafios da mulher moçambicana de hoje e como ultrapassá-los?

Moçambique está de parabéns por ter continuado a linha de pensamento dos fundadores da nação, no que toca a necessidade de proteger a emancipação da mulher e fê-lo através da criação de um quadro normativo extremamente favorável à mulher. Infelizmente, temos um cenário prático pouco risonho devido a falta de infra-estruturas que consigam cobrir a sensibilização do "dever fazer" por parte das instituições, dos homens e das próprias mulheres.

Mas antes de demonstrar que li algum material científico, deixe-me dizer (por palavras minhas) que, tendo Moçambique diversas paisagens, existem questões que são de "natureza" rural e outras de "natureza" urbana. Natureza entre aspas pois o sócio-cultural é também passível de transformação, onde exista vontade. Não me irei debruçar sobre todos os problemas existentes até porque não existe nesta plataforma espaço para tal.

Um exemplo de um tema que me preocupa ferozmente é o assédio sexual no local de trabalho. Este é geralmente um problema urbano. Existe a tendência deste tipo de humilhação (ainda que a mulher pense que esteja a antecipar-se com a sua sedução) para que se ascenda na hierarquia laboral. Este tipo de abuso de poder por parte do empregador, de um colega ou terceiros, está tão enraizado na sociedade que as potenciais vítimas ou cedem ou tendem a abandonar o emprego mas nunca accionam o artigo 66/2 e 3 e o subsequente capítulo da lei do trabalho porque, por costume, o chefe; quem tem poder económico, tem o direito a aceder à qualquer mulher. Tal prerrogativa costumeira é visível a partir do momento em que o homem entende que tem algum poder do qual a potencial vítima poderá tirar proveito.

Em Moçambique, ainda que não exista o costume do homem tocar fisicamente na mulher que lhe é estranha, este já o faz com o seu olhar que é igualmente nojento e assediante, pela visível intenção (ou exigência) pornográfica e de violação transcrita nele. Tudo isto advém do tal poder costumeiro que acho que deve ser desconstruído e um encorajamento à isso seria a publicação de exemplos de acções disciplinares decorrentes do artigo 66/2 e 3 da lei

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017

6. Triplo Duplo : Igualdade Entre Homens e Mulheres Princípio Basilar da Nossa Nação

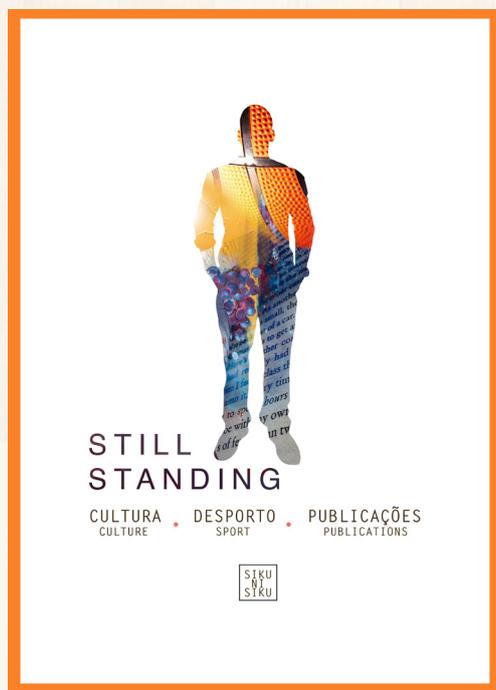
do trabalho e do art. 399-A do Código Penal de Moçambique, onde os prevaricadores sejam “ilustres” de renome. Ou seja, há que criar um órgão responsável pela fiscalização regular desta garantia, por via de, por exemplo, inquéritos anónimos realizados por entidades independentes da instituição inquerida, ligadas ao Ministério do Género, Criança e Acção Social assim como ao Ministério do Trabalho.

Quanto aos problemas que tendencialmente afectam as zonas rurais, de acordo com o Perfil de Género de Moçambique, de 2016, publicado pelo Ministério do Género, Criança e Acção Social, existem várias acções a serem tomadas pelo Governo conjuntamente com organizações da sociedade civil e cooperantes internacionais, para o melhoramento da condição da mulher moçambicana nos vários domínios em que o seu acesso é pouco permeável (apesar de lhe ser garantido por lei) devido principalmente à falta do domínio da língua portuguesa. Sem dominar a língua portuguesa, existe maior ignorância sobre que direitos e privilégios lhe assistem. Portanto, a educação continua a ser o início da emancipação da mulher e infelizmente esta ainda não é acessível à todas nós e quando o é, é proporcionada em condições altamente precárias. Falo por exemplo do ensino debaixo de árvores.

O que se acaba de dizer poderá ser duplamente irónico, tendo em conta os últimos acontecimentos que abalaram o discurso da interligação entre a educação e a ausência de violência doméstica (tendencialmente). Alguns casos mediáticos têm demonstrado que apesar das mulheres formadas verem menos justificativas para a violência doméstica, não estão totalmente imunes a serem vítimas de tal violência. Porquê? Porque o controlo das nossas emoções nada tem a ver com a formação académica. Trata-se de um outro domínio no qual cada um (homem e mulher) deverá trabalhar, mental e espiritualmente, para o equilíbrio de uma existência harmoniosa. Por outro lado, sabemos que estamos perante factores sócio-culturais que infelizmente não coadunam com a dignidade da mulher – uma em cada quatro mulheres em Moçambique, considera que se justifica que o esposo bata nela (tendo como justificações comuns: ter recusado sexo; ter discutido com o marido e ter queimado a comida), segundo o Perfil de Género de Moçambique, de 2016. A desconstrução destes princípios deverá ocorrer não apenas através de intervenções de instituições como a HOPEM mas deverá fazer parte do currículo escolar desde o primário. Ou seja, a igualdade de género deverá ser ensinada nas escolas como forma de forjar as mentes virgens – é de pequeno que se torce o pepino e assim será mais fácil efectivar um princípio basilar da nossa nação, que é o da igualdade entre os homens e as mulheres.

A Prancheta

Edição Especial, Abril 2017



Contactos :

Telemóvel: +258 828020600

E-mail: cmmbasquete@gmail.com | stillstandingmoz@gmail.com
DISP.REG/GABINFO-DEC/ANO

Endereço: Rua João de Barros, 367
Maputo - Moçambique

Design - BE ART, E.I - Raquel Ferreira